

REDEFINIR QUAIS AS TAREFAS DA OUA FACE A ACTUAL SITUAÇÃO EM AFRICA

- Samora Machel à Informação durante a viagem de regresso

"Agora que muitos países africanos adquiriram a sua independência nomeadamente Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Moçambique, o imperialismo mudou de tática. Ele não mudou de carácter, não mudou a sua natureza. A uma nova fase o imperialismo corresponde com novos métodos de implantação da exploração. É necessário que a OUA redefina também quais as suas novas tarefas face à situação presente" - afirmou o Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, no decurso de um balanço relativo à viagem perante os elementos dos diversos órgãos de informação nacionais que integram a delegação moçambicana, durante o percurso entre Brazzaville, capital do Congo e Maputo.

Relativamente aos objectivos da visita Samora Machel começou por afirmar: «Em 1963 formou-se a OUA. Ela foi definida como o nosso instrumento para a liquidação do colonialismo que define o carácter da OUA como anti-colonialista, anti-imperialista e antineocolonialista. Durante esse período a tarefa essencial foi a luta pela libertação de Africa, a luta contra o colonialismo.

Ao longo dos dez anos da existência da OUA, ela soube assumir e compreender o seu papel de instrumento de unidade e de destruição do colonialismo, apesar das crises. Algumas crises no seio da organização foram necessárias porque nos ajudaram a avançar».

Agora, que muitos países adquiriram a independência, nomeadamente Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Moçambique, agora que os pequenos tampões são a Rodésia e a Namíbia o imperialismo mudou de tática. Não mudou de carácter, não mudou a sua natureza. Nova fase, novos métodos utilizados pelo imperialismo. Assim, é necessário uma redefinição de novas tarefas face à situação presente.

Essas tarefas da OUA, hoje, pensamos nós, devem ser assumidas não somente ao nível político, porque o imperialismo avança nos seus últimos dias, com os seus dias contados. Quer aproveitar-se

dos tampões que ainda existem que são a Rodésia e a Namíbia utilizando-os como pontas-de-lança contra os países já independentes. Sendo esse objectivo do imperialismo, é necessário concertarmos os nossos pontos de vista sobre as tarefas actuais. É por isso que realizámos esta viagem.

O primeiro significado da nossa viagem foi visitarmos aqueles países para estabelecer uma estratégia comum ao avanço do imperialismo, face à sua mudança de tática.

É, também, importante adquirirmos um conhecimento profundo sobre Africa. Vivíamos compartimentados, vivíamos divididos. Conhecíamos mais a Europa que a própria Africa. Não conhecíamos a porta que nos permitia entrar na nossa casa. Conhecíamos coisas longínquas. É por isso que nós pensamos realizar a visita à Guiné-Bissau, a Cabo Verde, à Guiné-Conacri. A Guiné-Conacri sobretudo, porque é uma base revolucionária.

E agora alguns pontos para resumir a nossa visita. Primeiro realizámos uma visita oficial que é ao mesmo tempo uma visita de amizade ao nível de partidos, ao nível de estados, entre os nossos povos e entre os nossos povos que consideramos como irmãos. Sobretudo porque com esses países forjámos laços profundos durante a luta armada.

O que nós queríamos exactamente era trocar experiências sobre o processo revolucionário. Trocamos experiências sobre o processo de ruptura com o colonialismo, ruptura com o estado colonial. Trocamos experiências sobre a afirmação da nossa personalidade. Trocamos experiências sobre a consolidação das nossas independências. Trocamos experiências sobre as vias correctas para o desenvolvimento dos nossos países e reconstrução nacional e, mais, uma vez dinamizarmos aquelas relações que nos permitiram avançar em conjunto no período da luta armada.

Para além disto, viemos para estabelecermos a cooperação cultural económica e científica e em outros domínios, porque a Africa está isolada. Vive isolada do resto do mundo embora ainda esteja fragmentada. Por exemplo se nós queremos telefonar, se queremos fazer uma comunicação com a Guiné, é preciso irmos a Paris, ir a Londres.

Estudámos as possibilidades dos nossos países. Eles são considerados países pobres, países subdesenvolvidos, incapazes de marcharem sobre os seus próprios pés, e nós pensamos que isso não corresponde à verdade, é incorrecto. Assim, estabelecemos relações que nos conduzirão à libertação económica.

É a libertação económica que estabelece a cooperação fraternal, a cooperação de igual para igual entre os esta-

dos, entre os povos. Estudarmos e trocamos experiências de como sair daquela órbita imperialista. Chegámos à conclusão que isso reside essencialmente na organização na mobilização. Organização profunda. Nós dizemos organizar em profundidade e em extensão. Organizar em profundidade significa liquidar os esquemas mentais colonialistas, significa ousar lutar contra os vestígios coloniais, para estabelecermos a igualdade entre os povos, entre os estados e entre os homens.

Estudámos de igual modo a estratégia presente do combate anti-imperialista. Não podemos subestimar o imperialismo. Cair no espírito de vitória de triunfalismo. Porque derrotámos o colonialismo pensamos que facilmente derrotaremos o imperialismo. O imperialismo tem muitas facetas. E, na fase actual está empenhado no recrutamento dos seus agentes.

É bom termos consciência de que existem agentes nos nossos países prontos a serem recrutados pelo imperialismo para lutarem contra os estados populares.

Definimos ainda as novas tarefas da organização, estudámos quais devem ser as tarefas actuais da OUA. Ela deve ser o nosso instrumento para a recuperação dos nossos recursos naturais e sua valorização. A valorização dos recursos naturais significa a valorização dos nossos países e isso deve continuar

o ser o nosso instrumento essencial de luta contra a penetração do imperialismo, contra o neocolonialismo.

As reacções manifestadas pelo povo quando foram à Guiné-Bissau, quando foram a Cabo Verde, quando foram à Guiné-Conacri, significam o seu apoio, significam que as massas estão prontas a avançar. Estão prontas a consentir de novo o sacrifício. Estão prontas a lutar para se defender do imperialismo.

Atingimos esses objectivos sobretudo no plano da cooperação económica, cultural, educacional, no domínio dos transportes e comunicações,

em todos os países que nós visitámos.

Agora a nossa escala na Nigéria. Ela tem uma importância particular. A Nigéria na fase presente está a romper com o imperialismo, está a romper com as forças capitalistas e isso observámos no momento crucial, quando se tratava de tomada de posição em relação à República Popular de Angola. E necessitámos de parar ali porque a Nigéria durante alguns anos não estava integralmente dentro dos problemas de África. Quer dizer do processo revolucionário.

Depois do Congo. Sabem que Brazzaville é uma base revolucionária. Os princípios que orientam o Partido do Trabalho do Congo, são os mesmos que orientam a FRELIMO, são os mesmos que orientam todos aqueles movimentos revolucionários e, além disso, foi a base segura do MPLA. Por outro lado, no Congo, a luta de classes é aguda. E queríamos trocar experiências com eles. Sobretudo porque são capazes de imprimir o carácter popular à luta que eles travam no Congo, e isso é essencial para o povo de Moçambique, é essencial para o

ra a FRELIMO, é essencial para todos os militantes. É por isso que fizemos escala no Congo não somente escala técnica, mas uma escala essencialmente política.

Estamos satisfeitos com o resultado da visita porque encontramos de novo em todos os países que visitámos, um baluarte de luta anti-imperialista, encontramos ainda a mesma compreensão e a mesma prontidão de avançar com a revolução. E esse avanço deve ser um avanço tipo ondas do mar. Avançar com o povo. Não avançamos isolados. Isso impressionou-nos nos países que visitámos.

(De: "Notícias", Maputo, 1976-06-15)